

Há mais

Ainda por cima há todos aqueles por quem ninguém pede nem nunca pediu; aprendi que mesmo para pedirem por mim tenho de ter força para protestar. Mesmo nas piores horas, é preciso não estar de facto no fim, porque esses acabam, ignorados, esquecidos - as suas fotos nunca serão publicadas, as suas imagens também não serão filmadas, eu queria escrever-lhes a todos, mas sou eu próprio quem pensa que da pré-história aos nossos dias, mesmo na pior das desgraças há graus - é curioso, é difícil a gente lembrar-se disso, ainda que tenha falado com quem entrou em Timor com a Interfet, passou numa estrada afegã escassas horas distantes de outras em que aí assassinaram jornalistas de Itália, de Espanha, um afegão, um australiano...

Nem todos têm sequer direito a uns vinte segundos numa televisão; quantos ficarão para sempre sepultados depois de executados por uma insolentemente anónima Kalashnikov? Só talvez as cabras os terão visto nessa agonia indecente e confidencial. Quantos massacres de Katyn terão existido? Quantos imensamente maiores cemitérios de Santa Cruz são desconhecidos? Quem falará por todos os cobardemente liquidados, crianças, velhos, adultos, mulheres... É verdade, nem sempre esteve, nem estará presente, a câmara que denuncia, a fotografia que regista numa demonstração muda a bestialidade sanguinária.

Nem todos tiveram sequer direito à compaixão.

Houve o cálculo, a noção do que se deve dizer, a ideia de que não se trata de mais que estatísticas. Dos gladiadores a Treblinka, dos aviões da força aérea argentina que atiraram indefesos ao mar, dos massacres do Ruanda e Burundi, dos angolanos, desses sabemos, soubemos, mas outros houve, de certeza, tal como esses, em todos os continentes. De todas as polícias políticas sabemos que a maioria dos seus elementos nunca foi nem será punido (também nos disseram que obedeciam a ordens). Os chefes acabam por morrer na cama, mesmo os conhecidos, de Mao a Pinochet, Pol Pot, Idi Amin, Suharto, os reis da Stasi, Estaline... Faz parte da nossa natureza a incapacidade de castigar, a vergonha, o horror, o medo, de olhar nos olhos os que mostram os monstros que somos. Há mais, também neste sentido, eu sei: excepções que confirmam regras. Há os esmagados porque há esmagadores que esmagam quem podem.